

## *Pistas sinestésicas: uma estratégia facilitadora para a alfabetização de pessoas surdas.*

Ana Paula Schipmann Rebelo<sup>1</sup>  
anaschipmannrebelo@hotmail.com

Maria Beatriz Rebello Cozer<sup>2</sup>

Neusa Maria Scatolin Pinheiro<sup>3</sup>

Jucelino Costa<sup>4</sup>

### Resumo

**O** objetivo deste artigo é divulgar uma estratégia de ensino elaborada e utilizada no Setor de Atendimento a Pessoa Surda (SAPS) do Instituto de Fonoaudiologia (IFU) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Esta estratégia denominada como Pistas Sinestésicas vem auxiliando na fase de alfabetização de sujeitos surdos facilitando o processo de apropriação da leitura e escrita.

As pistas estão descritas no decorrer do artigo para facilitar sua utilização por outros profissionais.

A equipe atual de profissionais vem buscando ampliar e com-

*partilhar um trabalho que obtém resultados promissores com os sujeitos surdos aqui atendidos, contribuindo com a maneira diversificada destes viverem e se apropriarem de conhecimentos.*

### Palavras-chave

Surdez, Pistas Sinestésicas, Alfabetização.

### Abstract

**T**he objective of this article is to disclose an elaborated teaching strategy and used in the Section of Attendance the Deaf Person (SAPS) of the Institute of fonoaudiologia (IFU) of the University of the it is Worth

*of Itajaí (UNIVALI). This strategy denominated as Pistas Sinestésicas comes ainding in the phase of literacy of deaf subjects facilitating the process of appropriation of the reading and writing.*

*The tracks are described in elapsing of the article to facilitate its use for other professionals.*

*The professionals' current team comes looking for to enlarge and to share a work that obtains promising results here with the deaf subjects assisted contributing with the diversified way of these they live and if they adapt of knowledge*

### KEY-WORDS:

*Deafness, Sinestésicas, Literacy.*

<sup>1</sup> Fonoaudióloga do Setor de Atendimento a Pessoa Surda, Mestre em Educação.

<sup>2</sup> Orientadora Pedagógica do Setor de Atendimento a Pessoa Surda, Especialista em Orientação Educacional e Interdisciplinaridade.

<sup>3</sup> Coordenadora do Setor de Atendimento a Pessoa Surda, Especialista em Orientação Educacional e Interdisciplinaridade.

<sup>4</sup> Estagiário do Setor de Atendimento a Pessoa Surda, Ilustrador das Pistas Sinestésicas.

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

## INTRODUÇÃO

O setor de Atendimento a Pessoa Surda (SAPS), do Instituto de Fonoaudiologia da UNIVALI, tem como objetivo: Educar o sujeito surdo, visando à constituição de sua identidade no âmbito: Social, Político e Cultural. Este setor iniciou seus atendimentos na Universidade do Vale do Itajaí em 1981, passando a chamar SAPS a partir de 1987.

Este setor vem trilhando o percurso histórico das metodologias de atuação com o sujeito surdo, trabalhando no início exclusivamente com oralismo, passando para a Comunicação Total e, atualmente, se preparando para utilizar a abordagem Bilíngüe.

O método oral e o método de sinais, inicialmente divergiam negando a existência ou a possibilidade de desenvolvimento do outro, apesar de lutarem por um mesmo fim: a comunicação de sujeitos surdos. A Comunicação Total superou impasses anteriores resgatando de ambas formas de desenvolver a comunicação. O Bilingüismo considera que as duas línguas (oral e sinalizada) devem ser desenvolvidas, em momentos distintos, (REBELO, 2002).

Sobre estas metodologias, Lara (1998, p.06) pontua que: "É uma constante ida e vinda, avanços e retrocessos na educação formal de pessoas surdas", que a seu modo de ver não ataca a verdadeira questão que envolve posiciona-

mentos lingüísticos, políticos, sociais, entre outras possíveis visões sobre o tema.

Durante a transição do Oralismo para a Comunicação Total, na década de oitenta a equipe de profissionais deste setor, com base na literatura e práticas com o surdo, elaborou um modelo padrão de Pistas Sinestésicas para auxiliar no processo de alfabetização, bem como aprendizado da língua oral.

A surdez, enquanto fator sensorial, altera as condições de recepção da linguagem oral do grupo sociocultural que inicialmente o sujeito está inserido. Ao professor, mediador, cabe respeitar a identidade lingüística, valorizando as diferentes formas de comunicação de seus alunos. Woodward (2000, p.09) afirma que: "A identidade é marcada pela diferença".

Sabemos que o feedback auditivo do sujeito surdo é inadequado e, portanto, não oferece pistas necessárias a aquisição da linguagem oral de modo espontâneo. Sob esse ponto-de-vista, acreditamos ser necessário como denomina Lichtig (1997, p.56): "recursos de controle do mecanismo fonoarticulatório que envolvam feedback visual, tátil ou sinestésico, combinados entre si, mas sempre associados ao feedback auditivo".

Rebelo (2002, p.21) de acordo com a literatura existente sobre o processo educacional de sujeitos surdos pontua que: "por muito tempo grande parte dos indivíduos surdos que chegava ao ensino regular,

repetia várias vezes a mesma série, sendo incapazes de se alfabetizar pelas metodologias e ou estratégias propostas".

Acreditando no trabalho desenvolvido com os sujeitos que frequentam o setor, a atual equipe de profissionais, vem buscando compartilhar e divulgar seu trabalho a fim de contribuir para o efetivo desenvolvimento do sujeito surdo e sua real inclusão na sociedade.

## DESENVOLVIMENTO

Pontuamos os sentidos que vimos atribuindo aos conceitos Sinestesia e Cinestesia. Sinestesia: relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente; ex: um som que evoca uma imagem (AURÉLIO p.602,1995). Cinestesia: sentido pelo qual se percebem os movimentos musculares, o peso e a posição dos membros. (AURÉLIO, p.151,1995). Alertamos que para utilização das mesmas as pessoas devem conhecer o alfabeto digital e buscar o correto modo de posicionar as mãos para que sejam atribuídos os significados planejados para cada som.

A sinestesia vem sendo descrita atualmente como uma condição neurológica por fazer com que um sentido quando estimulado desperte a sensação em outro sentido (GUIMARÃES, 2003). Sendo neste caso um acréscimo na percepção e não uma substituição de sentidos.

Segundo este autor, há também um lugar para a palavra sinestesia, como estratégia lingüística ou figura de linguagem, quando buscamos por mais de um sentido explicar as coisas como (re)conhecemos.

É de consenso de muitos autores que para aprender a ler e escrever a criança saiba estabelecer a correspondência entre o som que ouve e a palavra que escreve, e ainda, que para falar é preciso ouvir, interagir com o som.

Santos (1999, p.219), em uma pesquisa sobre o desenvolvimento da consciência fonológica, vem comprovando que esta exerce, promove uma ação favorável, que facilita o processo de alfabetização, descrevendo como consciência fonológica: "a capacidade para refletir e manipular as subunidades da linguagem falada: os fonemas e as palavras", refere também que: "parece ser indiscutível a importante função que a consciência fonológica exerce sobre a aprendizagem".

Sabemos, porém, diante de nossa prática, que é possível aprender a ler e escrever sem ouvir, respeitando as diferenças, utilizando estratégias diferenciadas. A intenção de padronizar pistas utilizando gestos é atribuída para chamar atenção das crianças surdas à estrutura fonológica das palavras escritas ou faladas, buscando contextualizar e, freqüentemente com o caráter lúdico, facilitar a aquisição da linguagem nas modalidades oral

e escrita. Consideramos também fatores socioculturais que envolvem diretamente família e escola e ainda dá abertura para inovações, mudanças, estratégias facilitadoras de aprendizagem.

Pinto (1979, p.15) definiu o processo de leitura em etapas como: "a discriminação visual de formas e letras; em outras, pode ser o centro do processo decodificador dos símbolos impressos, mediante o qual as palavras impressas são traduzidas a sua equivalência oral".

Em seus estudos este autor aponta, sugere que a surdez ou a dificuldade para perceber a diferença de sons, reconhecimento de rimas, altura de sons, fatores que certamente influenciam no ato da fala. Expõe um método de leitura chamado psicossomático para sujeitos com necessidades especiais, na época definidos por ele como excepcionais enfatizando um trabalho global que para apreensão de cada ciclo, envolve: desenvolvimento psicomotor em suas categorias de tempo e espaço, coordenação visual e auditiva, esquema corporal e noção de lateralidade e desenvolvimento social e emocional.

Canongia (1981, p.109), refere que: "O fonema é a menor unidade sonora audível e perceptível de uma língua, é o som, o ruído elementar da voz humana" esta autora, entre outros, considera em seus estudos que o conhecimento da posição dos órgãos articulatórios é de particular importância ao trabalhar com distúrbios articulató-

rios, considerando que estes intervêm, segundo a zona de articulação e de acordo com a disposição dos mesmos, na passagem da corrente aérea expiratória.

Priorizamos na utilização das pistas o caráter visual e não o auditivo, uma vez que nosso objetivo no momento é o desenvolvimento da leitura e da escrita e não o aproveitamento de resíduos auditivos.

As pistas sinestésicas são consoantes da Língua Portuguesa sendo que, para utilização acompanhadas por uma vogal formando sempre sílabas, ressaltando mais uma vez que sempre contextualizadas, dentro de um tema, um texto, um projeto, por meio de estratégias lúdicas, buscando a internalização de novos conceitos pelas crianças.

Abaixo de cada pista sinestésica além de sua ilustração, encontra-se a descrição dos fonemas quanto: a zona de articulação, a disposição dos órgãos na passagem da corrente aérea expiratória, ao papel exercido pelas cordas vocais.

## PISTAS VISUAIS – TÁTEIS E SINESTÉSICAS PADRÃO-SAPS

*Consoantes:*

Fonema /p/: Dedos unidos, abrindo-se rapidamente; ex: pia, pipa;

Surda, plosiva, bilabial.

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA



Fonema /t/: Mão direita em "d", dedo indicador apontando para fora; ex: tatu: tapete.

Surda, plosiva, linguodental.



Fonema /k/: Mão direita em concha, indo e vindo em direção à boca; ex: coco; boca.

Surda, plosiva, velar.

K.



Fonema /b/: Palma da mão na bochecha de forma oval, sentindo a Vibração; ex: bola, boca, bebê.

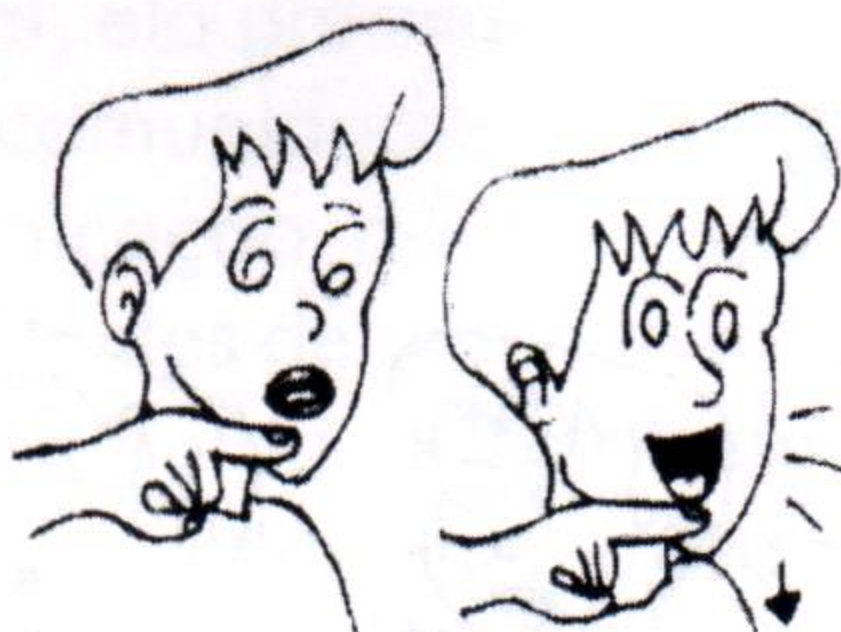
Sonora, plosiva, bilabial.



Fonema /d/: Dedo indicador no meio do queixo, para sentir o deslocamento da mandíbula; ex: dedo, dado.

Sonora, plosiva, dental-alveolar.

d.



Fonema /g/: Dedo polegar e indicador, indo do início do pescoço até o final; ex: gato, gago.

G



Fonema /m/: Dedo indicador e médio na asa do nariz, deslizando na bochecha; ex: mala; macaco.

Sonora, nasal, bilabial.

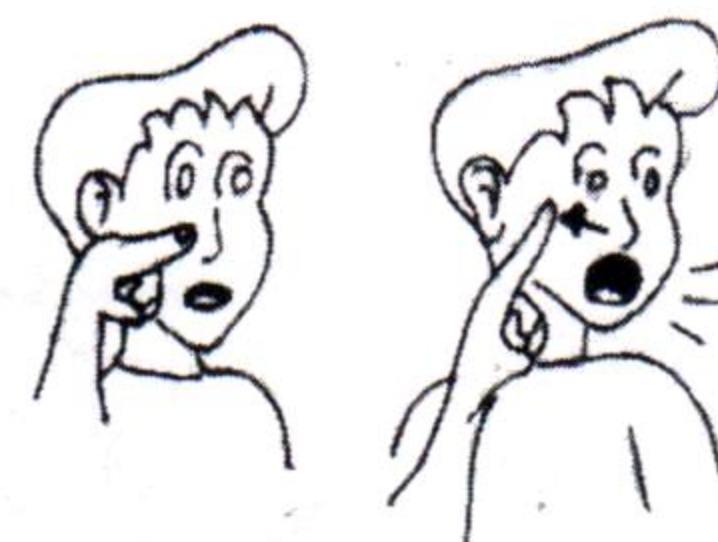
M.



Fonema /n/: Dedo indicador na asa do nariz, enquanto emite o fonema; ex: banana, caneca.

Sonora, nasal, dental-alveolar.

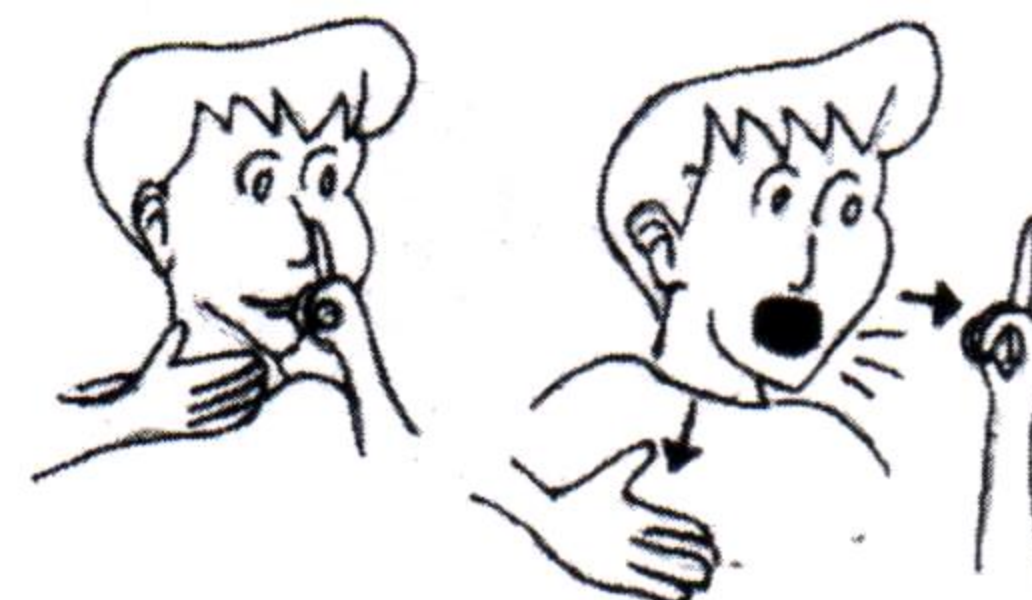
N.



Fonema /n/ - nh - Colocar a mão na garganta, depois na asa do nariz, enquanto emite o fonema; ex: minhoca; galinha.

Sonora, nasal, palatal.

NH.



# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Fonema / f / - Dorso dos dedos na altura da boca em horizontal, (sentir o vento); ex: faca, café.

fricativa, lábio-dental.

F.



Fonema / s / ou / S/ - ss- Tremular os dedos na altura da boca emitindo o fonema; ex: sapo, massa.

Surda, fricativa, línguo-alveolar.

S.



Fonema / S /- ch – x – Deslocar a mão em frente à boca enquanto emite o fonema; ex: Xuxa- cacho.

ch-x.



Fonema / v / Mão direita em V em frente aos lábios, sentindo a vibração; ex: vaca, cavalo, vovó.

Sonora fricativa, lábio-dental.

V.



Fonema / z / ou / j / Pegar o queixo em pinça e emitir o fonema; ex: pijama, caju.

Sonora, Fricativa, línguo-alveolar.

J.



Fonema /z/ Dedo indicador tocando os dentes, para sentir a vibração; ex: zelo, tesoura.

Sonora, fricativa e línguo-alveolar.

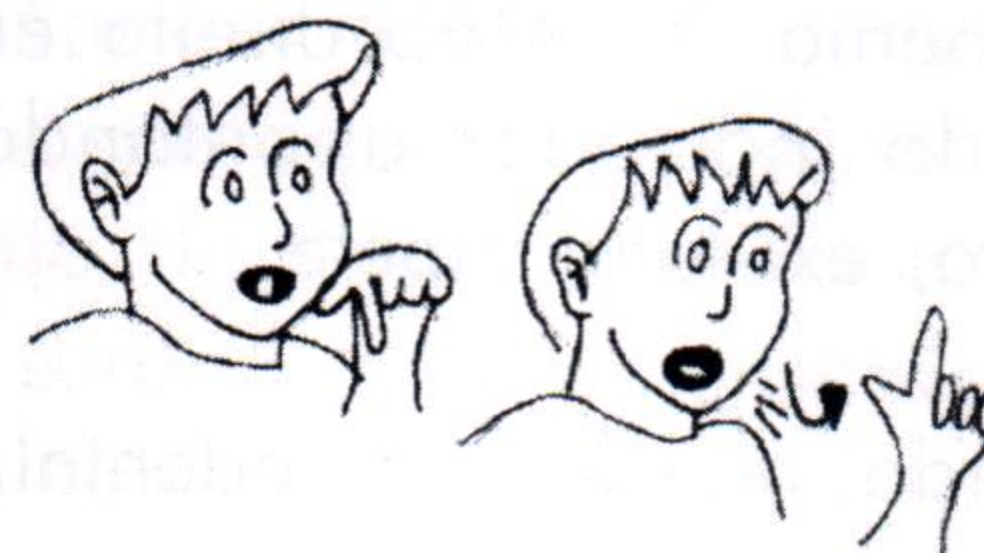
Z.



Fonema / l / Mão em "L", indo de baixo para cima, formando meio círculo; ex: lata, bola.

Sonora, Líquida, linguodental.

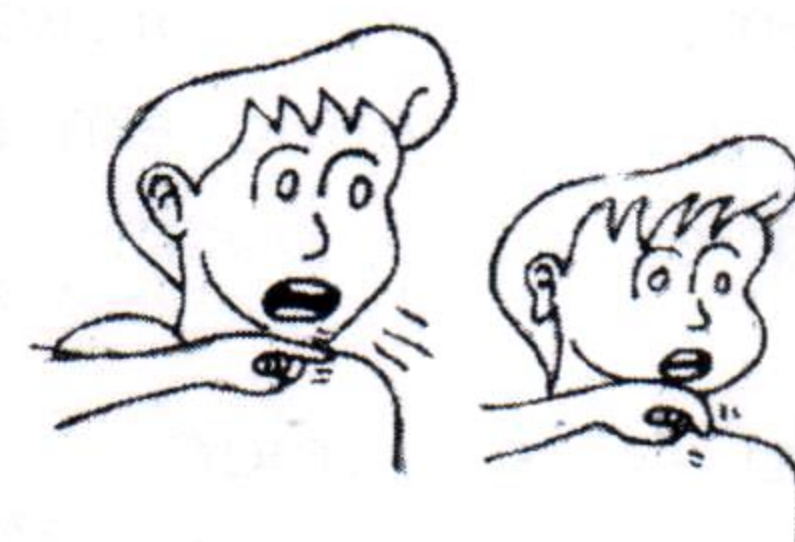
L.



Fonema / r / Tremular o dedo indicador em frente da boca, enquanto emite o fonema; ex: barata baralho.

Sonora, Líquida, linguodental.

R.



Fonema / R / Mão no pescoço para sentir a vibração da laringe; ex: rato, burro.

Surda, Líquida, velar.

RR.



# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Fonema /h/;/lh/- colocar uma das mãos na garganta e a outra em "L" enquanto emite o fonema;  
ex: telhado, folha.

Sonora, líquida, línguo-palatal.

Lh.



## CONCLUSÃO

Algumas pesquisas em aquisição de linguagem indicam uma ordem de introdução fonética como referência para se desenvolver a língua oral. (YAVAS, 1994). A seqüência seguida acima é baseada nesses estudos, podendo ser modificada conforme a preferência, habilidade e o contexto dos sujeitos envolvidos.

Koslowski refere que o modo articulatorio utilizado por sujeitos ouvintes é detectado pela audição, e o ponto articulatorio pela visão. Afirma a autora, que os surdos possuem no canal visual o que falta na via auditiva, realizando então a leitura labial. Segundo ela: "A leitura labial é um processo visual, uma forma de comunicação em nível de linguagem oral que permite ao leitor labial obter informações lingüísticas através da observação dos movimentos articulatorios seqüenciais dos lábios, da musculatura facial e

sobre expressões faciais do locutor". (KOSLOWSKY, 1997,p.13).

Entendemos que na escola o que diferencia os alunos surdos, dos outros é a sua forma de aprender e conseqüentemente de se comunicar por meio da Língua Brasileira de Sinais. Fazemos orientações sistemáticas às escolas regulares que atendem nossos usuários compartilhando estratégias e as pistas, que têm auxiliado não-somente a alfabetização de surdos como de seus companheiros ouvintes.

A maior intenção deste artigo foi de compartilhar um trabalho que obteve e obtém resultados promissores com os surdos aqui atendidos contribuindo com a maneira diversificada destes viverem e se apropriarem de conhecimentos, nos demais contextos em que se inserem diariamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANONGIA, M.B. Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas. 3 ed, RJ/SP: Atheneu, 1981.

GAMA, M.R. Percepção da Fala: Uma Proposta de Avaliação Qualitativa. São Paulo: Pancast, 1994.

GUIMARÃES, B. A cor do som. In: Super Interessante 184 ed., p.45-48, Abril, jan-2003.

KOSLOWSKI, L. A Percepção Auditiva e Visual da Fala. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

LARA, A T. Processo formal de educação de pessoas surdas: subsídios para a (re)construção do espaço educacional para portadores de surdez. Porto Alegre, 1998. Tese (Doutorado em Educação), PUCRS.

LICHTIG, I. e MAMEDE, R.M. Audição: Abordagens Atuais. Carapicuba, São Paulo: Pró-Fono, 1997.

PINTO, P.B. Leitura para excepcionais e disléxicos. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço dos Brindes; Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul, EST/UCS, 1979.

REBELO, A P.S. O processo de inclusão do aluno surdo no ensino regular: uma análise do discurso das professoras em formação no curso de Pedagogia na UNIVALI-Campus I. Itajaí, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIVALI.

SANTOS, A. A influência da Consciência Fonológica na aquisição da leitura e da Escrita. In SISTO, F.F.(Org) Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem escolar. Petrópolis: Vozes, 1999. p.213-241.

SOARES, L.D.S. e ARAÚJO, R.B. Práticas em Fonoaudiologia 1. Rio de Janeiro: Enelivros, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual. In SILVA, T.T. (Org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07-69.

YAVAS, H. e LAMPRECHT. Avaliação Fonológica da Criança: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.